



Visita às obras da sede do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, no Aterro do Flamengo. Da esquerda para a direita: Niomar Bittencourt, jornalista e fundadora do MAM Rio, com Jayme Maurício, do jornal Correio da Manhã; William Holford, arquiteto e urbanista britânico, e Affonso Eduardo Reidy arquiteto responsável pelo projeto do edifício do MAM Rio

dades e abrindo espaço para as vozes dissidentes, mesmo quando o risco já estava evidente.

Niomar não apenas permitia como também sustentava essa linha. E, claro, não tardou para que a resposta do regime chegasse com a mesma intensidade: censura prévia, cortes de verbas publicitárias oficiais, perseguições administrativas e pressões constantes.

Mediante uma ação totalmente arbitrária e injustificável, em 1969 a jornalista foi presa, servindo de exemplo emblemático de um Estado que já não tolerava qualquer divergência.

Sua prisão, no entanto, não silenciou o jornal. Ao contrário, consolidou ainda mais a sua imagem como símbolo de resistência.

### Maternidade sob pressão

Paralelamente à sua vida pública e profissional, havia a vida privada. Niomar teve filhos, entre eles Paulo Bittencourt Filho, e manteve, segundo registros, uma relação próxima com a família.

Todavia, essa dimensão íntima não passou incólume nesse triste período da história do Brasil. A condução do jornal em meio à repressão, dificuldades financeiras e o cerco político impuseram tensões inevitáveis. Sua trajetória pessoal foi atravessada por sacrifícios que foram além do campo profissional.

Ainda assim, a maternidade não a afastou da arena pública, coexis-

tindo e sustentada por um equilíbrio raro e exigente.

### O preço da independência

Manter o Correio da Manhã funcionando naquele contexto tornou-se uma tarefa hercúlea. Sem o apoio governamental e alvo de boicotes, o jornal mergulhou em dívidas e dificuldades financeiras crescentes. A independência editorial, que era a sua maior força, passou a ter “um custo elevado demais” para um ambiente tão autoritário.

Niomar resistiu o quanto pôde, mas o declínio foi lento e inevitável. Em 1974, o jornal deixou de circular. Mais do que o fim de uma empresa, era o encerramento de uma tradição, e de uma das experiências mais contundentes de jornalismo independente no Brasil.

### Entre a arte e a liberdade

A atuação da publisher não se restringiu ao jornalismo. Sua presença no campo cultural foi igualmente marcante. À frente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, promoveu exposições, incentivou artistas e ajudou a consolidar um espaço de experimentação estética no Brasil.

Para ela, a arte e a imprensa compartilhavam de uma mesma vocação: a liberdade. E, por isso mesmo, Niomar transitava com naturalidade entre intelectuais, artistas

e jornalistas, articulando redes de influência que atingiam inúmeros campos de atuação.

### Herança e reinvenção

Se Niomar nasceu sob o peso de sobrenomes importantes, como Moniz Sodré, no campo jurídico e intelectual, e Bittencourt, no universo da imprensa, sua trajetória profissional não se limitou a apenas dar continuidade a essas tradições. Ela as reinterpretou.

Ao assumir o jornal após a morte do marido significou, ao mesmo tempo, preservar um legado e reconfigurá-lo sob a sua própria interpretação. Em uma sociedade que ainda restringia o protagonismo feminino, Niomar, além de herdeira, foi autora, transformando o capital simbólico recebido em ação concreta, e, sobretudo, em exemplo de posicionamento.

### Personagem à frente de seu tempo

Em um Brasil que delimitava rigidamente os seus espaços de poder, Niomar ocupou posições centrais com firmeza e coragem. Sua trajetória antecipou discussões que hoje são incontornáveis: o papel da mulher na liderança, a liberdade de imprensa e a responsabilidade social dos meios de comunicação. Não se rendeu à acomodação. Escolheu o risco.

### A coragem como linha editorial

A história de Niomar Moniz Sodré Bittencourt é, em essência, a história de uma escolha. Diante da pressão, da censura e da possibilidade concreta de sobrevivência mediante concessões, ela optou por não recuar.

O Correio da Manhã poderia ter sobrevivido se tivesse cedido... mas não cedeu.

E é justamente aí que reside a força de seu legado. Num tempo em que a verdade se tornava perigosa, Niomar fez do jornal um espaço de afirmação. Pagou o preço, pessoal, financeiro e histórico, mas deixou

uma mensagem que ultrapassou a sua época, a de que o jornalismo, quando fiel à sociedade, deixa de ser apenas um ofício para se tornar o ato de coragem, palavra que significa “agir com o coração”.

### Como uma Fênix

O Correio da Manhã foi retomado em 2019, 50 anos depois do afastamento dos seus dirigentes por pressão da ditadura militar. O responsável por isso foi o jornalista e empresário Cláudio Magnavita, que relançou o Correio da Manhã em edição impressa.

Magnavita contou que, em homenagem aos Bittencourt, a numeração do jornal seguiu a partir da data em que eles deixaram o comando, em 11 de setembro de 1969.

A primeira edição, portanto, levou o número 23.438, correspon-

dendo ao período de 13 a 19 de setembro de 2019. Do mesmo modo, o nome de Edmundo Bittencourt também voltou a aparecer no topo da primeira página.

Oito anos depois, é anunciada a biografia “A Mulher que Enfrentou o Brasil: A Arte e a Coragem de Niomar Moniz Sodré Bittencourt”, escrita por Ricardo Cota, que teve pré-lançamento entre o final de 2025 e março de 2026.

O lançamento oficial está previsto para junho deste ano, durante a comemoração e exposição dos 125 anos do Correio da Manhã. A obra narra a trajetória dessa figura feminina que dirigiu o jornal e resistiu à ditadura militar enquanto pôde.

A biografia da empresária e jornalista Niomar Moniz Sodré Bittencourt já está disponível nos sites da Amazon e na Livraria Travessa.

Clara Santa Rosa



Niomar usou a imprensa contra o regime



Biografia escrita pelo crítico cinematográfico Ricardo Cota